

A Disputa pela Aldeia Sul do Afeganistão, 2010

Tenente-Coronel Brian Petit, Exército dos EUA

Este artigo é dedicado ao Subtenente Mark Coleman, das Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos da América (EUA), morto em combate em uma aldeia afegã em 02 Mai 10.

O autor agradece aos Capitães Rob Snyder, Greg Adams e Chris Countouriotis do 2º Batalhão, 1º Grupo de Forças Especiais (Aeroterrestre), por suas contribuições para este artigo.

DECORRIDOS NOVE ANOS de guerra no Afeganistão, a estrutura social ali predominante — a aldeia — continua desafiando estrategistas e executores das atividades de contrainsurgência que buscam obter e manter influência sobre a população rural do país. A aldeia afegã é difícil de ser entendida, complicada para ser engajada e representa um desafio para quem pretenda exercer qualquer tipo de influência. Durante o último ano, tropas de Operações Especiais dos EUA, mais experientes e bem preparadas, e seus parceiros afegãos obtiveram considerável sucesso nos complexos ambientes físico e humano de certas aldeias — embora este seja passível de ser revertido¹. Este artigo oferece observações colhidas a partir das operações de estabilização de aldeias conduzidas pelo Comando Componente de Operações Especiais das Forças Combinadas-Afeganistão (CFSOCC-A, na sigla original, em inglês) no sul do Afeganistão, em 2010². Cinco observações específicas foram recorrentes entre as dez diferentes equipes que atuavam nas aldeias no sul do Afeganistão³. Elas deixam claro o papel da aldeia na proteção da população afegã.

As aldeias rurais do Afeganistão são os locais onde vive a população que tanto os insurgentes

quanto os contrainsurgentes buscam influenciar, inspirar e intimidar. Há uma insurgência rural em curso⁴. Aproximadamente 70% da população do país — que possui 32 milhões de habitantes — mora em áreas rurais ou em aldeias, longe de centros urbanos⁵. Na região sul do Afeganistão, a maioria das pessoas vive em agrupamentos de aldeias agrárias que dependem de culturas sazonais, mantidas com irrigação de superfície. Mesmo as grandes cidades da área, como Qalat e Tarin Kowt, assemelham-se mais a aldeias do que a centros urbanos, mantendo suas características rurais até em áreas densamente povoadas. Talvez não seja nas aldeias que o futuro do Afeganistão será conquistado, mas a história nos ensina que esse futuro também não virá sem elas.

O número de moradores de uma aldeia afegã varia de uma dúzia a cerca de mil habitantes. A maioria delas é sustentada por agricultura de subsistência e faltam serviços básicos como eletricidade, esgoto, água potável e educação formal. A autoridade é baseada nas redes sociais tradicionais: tribos, clãs, laços de parentesco e família. A afiliação tribal e as relações de família formam os sistemas de crenças e motivam os comportamentos. As aldeias são patriarcais. A vida da família é estruturada em volta da *qalat* (cidadela) — rodeada de muros de barro que servem a duas funções: conter (mulheres, posses, cabras) e repelir (invasores e o público). A vida na aldeia afegã é simples e hobbesiana — sórdida, embrutecida e curta. A expectativa de vida de homens e mulheres é de 44 anos⁶.

Abdul Salam Zaeef, o autor de *My Life with The Taliban* (“Minha Vida com o Talibã”, em tradução livre), começa seu livro com esta frase reveladora: “Nasci na pequena aldeia de

O Tenente-Coronel Brian Petit é Diretor da Célula de Fusão de Guerra Irregular do Exército dos EUA no Forte Leavenworth, Kansas. Ele comandou a Força-Tarefa de

Operações Especiais - Sul (2º Batalhão, 1º Grupo de Forças Especiais) no sul do Afeganistão em 2010.



Foto do autor

Um policial afegão participa de uma patrulha perto de sua aldeia, acompanhado por um soldado das Forças Especiais dos EUA, Província de Kandahar, 2010.

Zangiabad em 1968⁷”. Zaeef define a si próprio primeiro por sua aldeia, depois por sua família e, por último, por sua afiliação vitalícia com o Talibã. Aldeias praticamente independentes em relação às vizinhas, como Zangiabad, localizada a oeste de Kandahar (um povoado bastante disputado), integram os típicos agrupamentos de aldeias rurais que constituem os distritos. Vários distritos constituem uma província. Há 34 províncias no Afeganistão.

Influenciar aldeões afegãos permanece sendo um componente-chave da estratégia do Talibã para prolongar o conflito, esgotar os recursos internacionais, pôr à prova a determinação dos Estados Unidos e negar seu acesso à população rural, a qual geralmente rejeita a ideologia talibã. Para implantar essa estratégia, o grupo coopta e coage os aldeões que estão além do alcance da proteção proporcionada pelos recursos do governo afegão. O Talibã e as entidades criminosas a ele associadas infiltram-se nos conjuntos de aldeias, o que dificulta identificá-los e, portanto, impor-lhes uma derrota decisiva. As aldeias são a “camuflagem insurgente”. Elas são isoladas, autossustentáveis e culturalmente impossíveis de serem distinguidas por quem não pertença a elas. Proporcionam uma infindável quantidade de “berçários naturais” a partir de onde os insurgentes atuam e para onde vão, quando necessitam de abrigo. O anticorpo contra a invasão do Talibã — o aldeão — estará em grande perigo se resistir. *A essência das operações de estabilização das aldeias é apoiar os líderes e os habitantes do povoado que tenham disposição para resistir à hegemonia do Talibã.*

Na região sul do Afeganistão, de etnia pashtun, a maioria das aldeias e dos distritos está fora da capacidade de influência dos serviços civis e de segurança do governo. Os desafios impostos pela geografia do país, sozinhos, já seriam bastantes para complicar a possibilidade de o governo influenciar positivamente a vida dos aldeões. Ainda assim, são estes os “eleitores decisivos”, cuja lealdade é disputada por nós e pelo Talibã. Convencê-los a resistir ativa e passivamente à intrusão do Talibã é essencial para a estabilização do Afeganistão.

Estabilização da Aldeia

As operações de estabilização de aldeias são executadas por pequenas equipes combinadas formadas em torno de um destacamento de Forças Especiais, denominado Destacamento Operacional *Alpha*⁸. Esse tipo de operação emprega uma metodologia verticalizada, de baixo para cima, cujo objetivo é fortalecer e estimular as estruturas sociais das aldeias e prover segurança, capacitar o desenvolvimento e fomentar a governabilidade local. As operações de estabilização de aldeias fortalecem os anciãos e mulás que são anti-Talibã e, *acima de tudo*, pró-governo. O objetivo é melhorar a estabilidade dentro de estruturas sociais duradouras e criar áreas que sejam inóspitas a propostas e intimidações insurgentes. Alcançamos um ponto decisivo estratégico quando vinculamos essas aldeias a seus distritos e províncias e estabelecemos conexões significativas com o governo nacional.

Observações Colhidas e Desafios

As observações a seguir foram feitas por integrantes de uma equipe de Forças Especiais do Exército dos EUA que conviveu — completamente integrada — com habitantes de várias aldeias ao sul do Afeganistão, entre janeiro e agosto de 2010. Citaremos as observações de forma resumida para, depois, prosseguir com uma discussão detalhada sobre cada uma delas.

- O respeito e a autoridade devem vir antes de tudo, para que se possa obter influência. O progresso significativo e duradouro nos povoados afegãos só pode vir de uma posição de poder real ou percebido, fundamentada na conscientização cultural, na competência tática e no desenvolvimento financeiro.

- A cultura afegã de resistência é algo arraigado. Os conceitos *pashtuns* de vergonha e honra frequentemente produzem o ímpeto para lutar. Canalizar esse ímpeto contra a insurgência é algo perfeitamente possível e eficaz.

- Afastar a “mentalidade” insurgente da população é, em geral, mais fácil do que afastar os próprios insurgentes.

- Devemos colocar as afiliações comunitárias acima das afiliações tribais. Os laços de sangue existentes entre as comunidades causam menos divisões na vinculação de aldeias aos seus distritos e aos seus líderes locais. O ideal seria utilizar o engajamento tribal como um meio para avançar os engajamentos comunitários.

- Com frequência, o desejo de progresso pessoal de alguns indivíduos frustra o progresso coletivo da tribo. Aspirações corruptas e não produtivas de tribos ou de indivíduos podem prejudicar os esforços para desenvolver benefícios comunitários.

Respeito e Autoridade

Conquistar e manter o respeito e a autoridade sobre toda a população possibilita obter segurança, desenvolvimento e governabilidade nas aldeias. Nas áreas rurais do Afeganistão, demonstrar suficiente consciência cultural, ao

mesmo tempo em que se exhibe capacidade de agir em força, é uma atitude que conquista respeito. As relações pessoais são muito importantes, mas elas devem crescer a partir de uma posição de força. As interações entre pessoas devem atender à crença do aldeão de que essa aliança lhe será benéfica, ou à sua família, ao seu clã ou à sua tribo. Obter *dominância intencional* e *consciência cultural* de modo constantemente produtivo e balanceado talvez seja o maior desafio tático no nível da aldeia.

Para minar a influência do Talibã nos povoados, devemos suplantar sua dominância e romper seu monopólio de autoridade. As aldeias e seus moradores querem apenas sobreviver e prosperar. Para isso, eles irão se alinhar e se deixar subjugar pela presença que for dominante e duradoura. Para melhorar sua possibilidade de sobrevivência, os vulneráveis aldeões ajustarão suas preferências morais, políticas e ideológicas para estarem do mesmo lado em que está a facção que percebem como sendo a dominante. Nas operações de estabilização de aldeia, a tríade composta pela autoridade, pela competência tática e pelos benefícios econômicos promove progresso sustentável.

No vale de Zerekoh, uma área da Província de Shindand que está saturada pela presença do Talibã, as equipes de Forças Especiais dos EUA conseguiram um “grande avanço” por meio de uma série de ações que demonstraram autoridade obstinada, competência tática e benefícios econômicos.

De início, as equipes geraram uma primeira impressão consistente ante os aldeões, nas primeiras *shuras* de aldeia de que participaram. Mesmo as pequenas ações eram relevantes — escutar atentamente; reconhecer a autoridade dos mais velhos, dos



Foto do autor

As equipes de defesa local dos EUA e do Afeganistão dependem de motocicletas para sua mobilidade, sobrevivência e fácil acesso à população. Foto tirada no Distrito de Arghandab, Província de Kandahar, 2010.

khans (os donos de terras) e dos *maliks* (os chefes locais); demonstrar entendimento dos problemas locais; explicitar, de modo simples, experiência e sabedoria na vida e em combate; e oferecer assistência de modo crível. As barbas e a roupa constituíam um fator contribuinte pequeno, mas significativo. As barbas produzem estímulos visuais imediatos, indicando maturidade, sabedoria, atitude masculina e familiaridade: importantes indicativos para uma primeira impressão. Em geral, um militar munido de algumas frases básicas do idioma local e de habilidades interpessoais pode acelerar o estabelecimento das indispensáveis ligações culturais e humanas⁹. O militar precisa criar uma impressão inicial suficientemente forte para convencer um aldeão a superar os perigos óbvios de cooperar com as Forças da coalizão e com as Forças legais do Afeganistão. Os aldeões desejam ser vencedores, mas é preciso incentivar sua disposição a se exporem e a aceitarem algum nível de violência em suas vidas.

Em 08 Mai 10, na aldeia do vale do Zerekoh, quando possuíamos uma defesa básica que estava estabelecida há algumas semanas, o Talibã passou a atacar diretamente os habitantes locais e as equipes de Forças Especiais. Nossa reação — com sua velocidade, violência de ação e com o emprego efetivo, embora discricionário, de fogos indiretos — foi um momento decisivo para a aldeia. Os enfrentamentos no nível tático raramente produzem vitórias duradouras, mas podem demonstrar o emprego competente de força letal. Nossas equipes de Forças Especiais consideraram aquele combate de 08 de maio como sendo um momento decisivo na conquista do apoio dos moradores da aldeia.

A população precisa acreditar que é de seu interesse resistir às ameaças do Talibã. E isso só será possível se ela acreditar que a autoridade dominante e duradoura irá prevalecer. O movimento inicial para que essa crença fosse obtida correspondeu à demonstração de poder, letalidade e coerção, que suplantou os insurgentes como a influência mais forte da área. Quando os aldeões perceberam essa força, os *maliks* (anciãos das aldeias) passaram a responder positivamente a medidas como os projetos de construção de melhorias, as *shuras*

representativas e os mecanismos de resolução de conflitos. No vale do Zerekoh, a *destruição* foi o catalisador para a *construção*.

Estabelecer uma posição de influência é algo possível de ser atingido em qualquer aldeia. O desafio é manter a influência em grandes áreas, oferecer proteção física para aldeias e para seus habitantes e transferir essa influência a um *malik* local, a um comandante das Forças de Segurança Afegãs ou a um comandante de Defesa local, que possua um mínimo de capacidade. Independentemente dos benefícios imediatos que a segurança do governo afegão possa proporcionar, os aldeões irão permanecer “neutros” se a presença do Talibã não for enfrentada pronta e continuamente, de forma visível. Esse é o maior desafio tático na área rural do Afeganistão. O sucesso no longo prazo significa o estabelecimento de uma presença local efetiva, contínua e confiável nas aldeias (preferivelmente do governo), que convença seus moradores a resistir ativamente ao Talibã.

A Cultura da Resistência

O Afeganistão tem uma cultura histórica de violência e resistência armada contra influências externas. Atitudes xenofóbicas predominam, o que leva imprevisibilidade até aos engajamentos mais bem intencionados. Considerando-se essa premissa, como pode essa cultura de resistência contribuir para uma campanha de contrainsurgência bem-sucedida?

Por muitos anos, os talibãs do vale do Zerekoh eram tratados como *mujahedins*. Eles adotaram o nome dos respeitadas combatentes da liberdade dos anos 80, que repeliram a ocupação soviética do Afeganistão. Durante a primavera de 2010, os aldeões passaram a desafiar o Talibã, o que levou a um aumento de ataques e de tentativas de controle da população por esse grupo. Essa escalada de violência causou claro ressentimento contra o Talibã. Com coragem, os moradores pegaram em armas e assumiram a honrosa denominação de *mujahedins*. Os talibãs — e não as tropas dos EUA — passaram a ser considerados intrusos.

Quando se estabelece uma Força de defesa para a aldeia, com condições de enfrentar o Talibã, a segurança aumenta. O desafio em estabelecer defensores locais é mantê-los como um mecanismo viável, orientado tão somente para a proteção da

população da aldeia. Os grupos de defesa de aldeia precisam se concentrar na capacidade de executar uma defesa limitada, mas devem também possuir treinamento e equipamento para enfrentar insurgentes bem armados.

Quando a “cultura de resistência” pashtun é mobilizada contra o Talibã pashtun, criam-se as condições necessárias para apoiar grupos locais de defesa, liderados pelos próprios afegãos. Medidas destinadas ao progresso local, como desenvolvimento de projetos e as *shuras* representativas, entre outras, podem criar raízes e crescer. De modo oposto, se a “cultura de resistência” pashtun considerar a coalizão ou o governo afegão como o inimigo, os insurgentes, os “guerrilheiros acidentais” e a própria população irão impedir quaisquer tentativas de progresso¹⁰.

Como Afastar a “Mentalidade” Insurgente do Povo

Em muitas aldeias, os insurgentes *são* a população. Nesses casos, o êxito está muito menos ligado à nossa capacidade de separar os insurgentes do povo em geral, do que à própria eliminação das atividades insurgentes desempenhadas por um indivíduo ou por uma linhagem familiar. A inserção da palavra “mentalidade” na conhecida frase “separar os insurgentes do povo”, foi popularizada por um sargento das Forças Especiais, que operava junto a insurgentes pacificados no estratégico vale do Rio Arghandab, ao norte da Cidade de Kandahar¹¹. O sargento pretendeu enfatizar que os efeitos de longo prazo devem advir de persuadir os aldeões a deixarem de apoiar passiva ou ativamente a violência antigoverno. A frase “mentalidade insurgente” reconhece sabiamente que a insurgência não é monolítica, e que muitos fatores motivam o sentimento anticoalizador — objetivos políticos, conflitos entre tribos, ganhos econômicos e motivações relacionadas aos sentimentos de vergonha e de honra.

Muitos dos eficazes insurgentes vieram das aldeias do sul do Afeganistão. Os comandantes e subcomandantes eram membros de tribos locais. Seus combatentes e tropas auxiliares eram filhos de integrantes proeminentes das tribos. Nesses casos, separar a população da insurgência é impossível. Impedir que a população busque ações e ideais insurgentes, no entanto, é algo viável.

É preciso que se compreenda e que sejam enfrentadas as disputas irreconciliáveis existentes entre os moradores, incluindo divisões tribais, disputas entre feudos e lutas internas pelo poder. É necessário manter essas diferenças sob controle e concentrar a animosidade do povo contra a insurgência e seus efeitos destrutivos. A aldeia de Adirah adotou a perspectiva de que ações violentas representavam um flagelo contra a comunidade. Essa forte atitude cultural levou a menos ataques em muitas aldeias no antes volátil vale do Rio Arghandab.

Em Adirah, a ajuda para o restabelecimento de uma *shura* representativa permitiu reinstalar conselhos de governança local que tinham sido eliminados pelo atrito ao longo dos últimos 30 anos de conflito. A chave para gerar ímpeto nessas *shuras* foi a habilidosa introdução de projetos de desenvolvimento. Uma equipe de Forças Especiais financiou anciãos das comunidades, que executaram mais de 55 pequenos projetos em suas áreas (com um custo total de US\$ 250.000). Os projetos administrados localmente — galerias de águas pluviais, canais de irrigação, muros de contenção, passarelas para pedestres — produziram claros benefícios para a comunidade e estimularam rapidamente a população local contra a transgressão insurgente. A comunidade planejou, organizou e construiu todos os projetos. A equipe de Forças Especiais utilizou dinheiro do Programa de Resposta de Emergência do Comandante (*Commander’s Emergency Response Program — CERP*) com a liberação de recursos em até dois dias após a tomada a decisão, nas *shuras*. A rápida liberação de recursos do CERP para apoiar os projetos locais selecionados consolidou a credibilidade dos anciãos (e da coalizão). Muito importante: os projetos eram selecionados e iniciados em questão de horas e dias, não em semanas ou meses¹².

Os projetos do CERP em Adirah eram executados pela comunidade e requeriam aprovação do Distrito de Arghandab. Embora esse governo local ainda não estivesse responsável pela delegação ou pelo gerenciamento dos projetos, a simples busca da aprovação permitia um grau mínimo de conexão entre os líderes das aldeias e as autoridades do Distrito. Os insurgentes não atacavam os projetos apoiados pelos anciãos de aldeia.

Ainda existem insurgentes em Adirah. No entanto, a coesão comunitária e tribal já serviu como um dissuasor poderoso, levando a menos ataques insurgentes e à geração de mais empregos. Essa dinâmica também estabeleceu as condições para a “reintegração silenciosa” dos insurgentes na comunidade. Logo, a violência insurgente diminuiu e conversações discretas entre os anciãos e os insurgentes foram retomadas. Isso estimulou a pacificação no curto prazo e abriu caminho para uma duradoura reintegração dos insurgentes locais.



Foto do autor

Um policial afegão do distrito conversa com anciãos locais, durante um seminário médico destinado aos moradores rurais e executado pelos próprios afegãos, Província de Zabul.

Afiliações Comunitárias antes das Afiliações Tribais

Devemos dar prioridade às afiliações comunitárias, acima das afiliações tribais. Os laços comunitários enfatizam a conectividade por meio da vocação, das adversidades, da religião e de semelhanças baseadas na comunidade. É possível que haja várias tribos dentro de uma única comunidade ou de uma pequena aldeia. As afiliações comunitárias causam menos divisão na vinculação de aldeias a seus distritos e aos líderes locais. Com frequência, o contato puramente tribal será necessário, mas ele deve ser considerado apenas como um meio para progredirmos na direção dos contatos comunitários coletivos. Os engajamentos mais efetivos envolvem *qawms* (parentescos sociais), centrados na comunidade ou nas residências, que não são orientados em volta das tribos de forma dogmática.

No violento Distrito de Khas Oruzgan, no nordeste da Província de Oruzgan, uma equipe de Forças Especiais dos EUA, com várias passagens pela área, permanecia experimentando resultados insatisfatórios toda vez que reunia líderes de mais de uma tribo. Embora fosse algo anti-intuitivo, a equipe sugeriu ao governo do Distrito que realizasse *shuras* separadas, orientadas de acordo com as tribos, de modo a estabelecer confiança e buscar consenso

sobre importantes assuntos de segurança, de desenvolvimento e de governabilidade. Isso permitiu que os líderes se sentissem seguros para expressarem suas opiniões com franqueza. O aparente efeito “desagregador” dessas *shuras* tribais separadas acabou por permitir a realização de uma bem-sucedida reunião de várias tribos, administrada por anciãos habilidosos, capazes de promover objetivos comuns sem que se sentisse a possibilidade ameaçadora de que alguma tribo estivesse sendo privilegiada.

Em Khas Oruzgan, considerando que a violência insurgente retardava a resolução de conflitos, o governador do Distrito alterou sua abordagem de reunir as *shuras* ou *jirgas* e simplesmente passou a convocar grupos de anciãos e cidadãos respeitados para representar suas aldeias. Como consequência, na primavera de 2010 os ataques insurgentes haviam diminuído significativamente e novas áreas foram abertas ao comércio.

Contudo, um programa de estabilização de aldeia bem-sucedido, como o esforço em Khas Oruzgan, alcançará efeitos limitados se o governo distrital não for capaz ou não estiver disposto a avançar. Quando aldeias buscam ajuda de um centro distrital que é deficiente, corrupto ou que tem pessoal insuficiente, o progresso

se torna difícil e as ilhas de segurança ficam vulneráveis às influências antigoverno.

O contato tribal é um pré-requisito para o contato comunitário. Sem diálogo significativo com as pessoas influentes das tribos, os esforços para promover o progresso acabarão frustrados. Os destacamentos dos EUA instalados nos vilarejos e nas aldeias consideravam os contatos tribais como essenciais, mas não como uma estratégia em si mesma. Mesmo em áreas onde os governos provincial e distrital estão ausentes, é fundamental que as ações bem-sucedidas do governo local sejam vinculadas a um entendimento amplo de governo nacional afegão.

Na prática, as nuances que envolvem as relações humanas são claramente desafiadoras. Leva tempo para que se possam compreender as complexidades das dinâmicas tribais e subtribais. É essencial avaliar as conexões locais e estabelecer relacionamento interpessoal antes de tomar quaisquer ações que possam alterar o poder. Mesmo as melhores escolhas podem produzir efeitos colaterais negativos, alterar o equilíbrio de poder e promover indivíduos à custa de instituições. Podemos diminuir esses riscos ao reforçar continuamente os parentescos comunitários acima dos parentescos tribais.

Avaliar as Motivações

Um fator essencial na avaliação da situação de uma aldeia é a análise de sua motivação. Entre as aldeias engajadas no sul do Afeganistão, os grupos que apoiavam as iniciativas de estabilização podiam ser classificados em duas categorias: 1) uma tribo ou um grupo dominante, forte o suficiente para suportar ataques insurgentes e 2) uma tribo ou um grupo marginalizado que buscava ascender na estrutura de poder ao se alinhar com os fortes parceiros afegãos ou da coalizão. Um terceiro grupo estava presente, embora mais raro: aquele comprometido com o combate do Talibã por razões ideológicas ou pessoais.

A avaliação de motivos é essencial para o contato efetivo. Todos os indivíduos e grupos tentam aumentar sua estatura, seus recursos, seu poder e sua influência. Devemos avaliar suas motivações e os riscos que assumem. Como o povo irá reagir? Que grupo irá aproximar-se do governo afegão? Que grupo tem mais chances de

afastar-se do governo? As melhorias na segurança, na governabilidade e no desenvolvimento do local compensam o comprometimento de parte dos nossos limitados recursos?

Historicamente, no Afeganistão, as alianças constituídas com a finalidade de segurança e sobrevivência têm sido pragmáticas. A calculada capitulação da tribo Alikozai ao Talibã, em 1994, é um exemplo da forma de sobrevivência política comum no Afeganistão. Deve-se enxergar além dos motivos óbvios de indivíduos e grupos e examinar os verdadeiros motivos que os levam a cooperar. Em 2010, algumas tribos específicas, em distritos considerados críticos para a coalizão, foram consideradas impraticáveis pelas equipes de Forças Especiais, por uma variedade de razões: ou eram violentas demais, ou possuíam liderança insuficiente, ou viviam desequilíbrios tribais irreconciliáveis ou, ainda, demonstravam total falta de disposição para apoiar as prioridades da coalizão e do governo do Afeganistão.

Há poucas aldeias que apoiam abertamente o governo afegão. A identificação de grupos que sejam primordial ou potencialmente pró-governo afegão é sempre um bom começo, dada a desconfiança generalizada que a população tem com relação ao governo centralizado. Se o povo local deseja realmente resistir ao Talibã e organizar-se para melhorar a segurança e o



Um militar das Forças Especiais, assessor de aldeia, discute um projeto de construção com um ancião, Distrito de Arghandab, Província de Kandahar, 2010.

Foto do autor



Foto do autor

Os complexos urbanos e de aldeias rurais possuem muros altos que reduzem a visibilidade a partir da rua, Província de Kandahar, 2010.

progresso, então a oportunidade existe para conectá-lo ao seu governo distrital, e por extensão, aos governos provincial e nacional.

Transição

Em julho de 2010, o Presidente afegão Hamid Karzai aprovou o programa de Policiamento Local como uma iniciativa de segurança, formalizada sob o controle do Ministério do Interior. Os primeiros programas de policiamento local foram desenvolvidos a partir das operações de estabilização de aldeia bem-sucedidas. Isso foi concebido de modo a garantir que a governança, o desenvolvimento e as condições de segurança estejam adequados para sustentar e administrar uma polícia local de confiança. Atualmente, o crescimento da Polícia Local Afegã está condicionado às operações de estabilização das aldeias, para moldar o ambiente e garantir que o programa policial possa ser implantado sem riscos excessivos. Isso incentiva o progresso, embora

todos os lados reconheçam que as recompensas vêm acompanhadas de riscos. A formação de uma Polícia Local altera os equilíbrios econômico e social, mudando inevitavelmente o *status* social e os quocientes de honra. Contudo, para que seja possível enfrentar a invasão do Talibã, é necessário que riscos como esse sejam assumidos agora, sob pena de sofrer uma irreversível perda de confiança das populações rurais. Ao estabilizar as aldeias com melhoramentos sociais de pequena escala e ajudar o programa policial local a manter a segurança, o governo afegão e a Força Internacional de Assistência à Segurança priorizam suas chances de sucesso na conquista da população rural em certas áreas.

As Forças de Segurança Nacional afegãs continuam preparando equipes de Forças Especiais afegãs para trabalharem em parceria com equipes de Forças Especiais dos EUA e efetuar a transição das conquistas obtidas nas aldeias para as lideranças civil e militar afegãs. As operações de

estabilização de aldeia não são exclusivamente planejadas para as Forças de Operações Especiais dos EUA ou do Afeganistão. Sua execução em áreas remotas exige pequenas equipes extremamente profissionais, capazes de operar com independência, com inerente capacidade de autoproteção, com pessoal de Inteligência, com suficiente poder de combate, com mínima capacidade logística, com capacitação nas áreas médica e de assuntos civis e com uma variedade de opções para sua mobilidade. Com igual importância, é preciso que haja comprometimento para com cada uma das aldeias engajadas pelas equipes. Qualquer Força afegã ou da coalizão que possua essas capacidades será adequada para ajudar o governo afegão a estabilizar aldeias.

Proteger o Povo de Dentro para Fora

A população predominantemente *pashtun* do sul do Afeganistão esteve sob vários regimes de governo nos últimos 25 anos, mas quase nenhum foi capaz de efetivamente controlar as áreas rurais. Em geral, as aldeias providenciavam sua própria segurança e governo durante as principais mudanças no governo central. As aldeias aceitarão a prestação básica de serviços de segurança e justiça, como sinal de um poder governante competente. As operações de

estabilização de aldeia visam a satisfazer esses requisitos básicos, utilizando-se de cidadãos afegãos confiáveis e legítimos, oriundos dessas mesmas comunidades.

As cinco observações anteriores descrevem os desafios de *como* proteger o povo nas aldeias. As soluções que extraímos dessas observações não seguiram um padrão. Apenas as soluções que estivessem de acordo com a capacidade, a personalidade e o desejo comunitário de cada aldeia eram viáveis e passíveis de serem apoiadas.

A estratégia de contrainsurgência da coalizão e do governo afegão enfatiza a proteção da população. Com grande frequência, a população de áreas isoladas busca proteção colaborando com o Talibã. A “disputa pela aldeia” propõe mudar essa inclinação, oferecendo alternativas viáveis que fortaleçam a estabilidade dos vilarejos e fomentem conexões com o governo afegão. A estabilização de aldeia funciona “ao contrário”. Estabilizamos primeiro as aldeias, depois vinculamos sua governabilidade aos distritos e às províncias. Investir nas aldeias do Afeganistão é analiticamente inflexível, socialmente cansativo e extremamente perigoso. Mesmo assim, os resultados valem o risco, porque ao combater a insurgência rural do Afeganistão, não podemos “vencer” sem o apoio das aldeias. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Para as Forças subordinadas ao Comando Componente de Operações Especiais das Forças Combinadas-Afeganistão (*Combined Forces Special Operations Component Command-Afghanistan — CFSOCC-A*) e à Força-Tarefa Combinada de Operações Especiais-Afeganistão (*Combined Joint Special Operations Task Force-Afghanistan — CJSOTF-A*), as parcerias com os afegãos variam desde *Kandaks* (batalhões do Exército) a “defensores de aldeia” em treinamento para as Unidades de Polícia Local Afegã. Algumas equipes de Forças Especiais começaram sem parcerias, com o objetivo de assessorar os líderes de aldeia na formação de Unidades de Defesa local.

2. As Operações de Estabilização de Aldeia no Afeganistão também foram chamadas de Iniciativa de Defesa de Comunidade e de Iniciativa de Defesa Local. Um programa parecido, com base no povo local, patrocinado pelas Forças de Operações Especiais na Província de Wardak, foi chamado de Programa de Proteção do Público Afegão. Esses programas tiveram uma variedade de precursores durante o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã.

3. As experiências de aldeia utilizadas para a elaboração deste artigo foram extraídas de equipes que viviam e atuavam nas seguintes províncias: Oruzgan, Helmand, Shindand, Kandahar, and Zabul.

4. JONES, Seth. *Counterinsurgency in Afghanistan*, RAND Counterinsurgency Study, Volume 4, 2008. Há um consenso entre acadêmicos e analistas sobre a insurgência do Afeganistão ter sua base nas áreas rurais principalmente.

5. As estatísticas populacionais são difíceis de determinar e variam muito. Fontes incluem estimativas da Asia Foundation, disponíveis em: <www.asiafoundation.org>, e o site do Departamento de Estado dos EUA, disponível em: <www.state.gov>.

6. Consulte <www.state.gov>.

7. ZAEFF, Abdul Salam. *My Life with the Taliban* (New York, Columbia University Press, 2008), p. 1.

8. As operações de estabilização de aldeia também são empregadas por Unidades de Operações Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA e de Operações Especiais Navais, que atuam sob o CFSOCC-A e a CJSOTF-A, embora a maioria dessas operações — assim como a minha experiência — esteja concentrada na atuação das Forças Especiais do Exército dos EUA.

9. Algumas das equipes de Forças Especiais dos EUA iniciaram operações de estabilização de aldeia sem parceiros afegãos. O crescimento das Forças Especiais afegãs capacita os afegãos a assumir o comando nas aldeias, com as Forças de Operações Especiais estadunidenses no papel de assessores.

10. Referência a KILCULLEN, David. *The Accidental Guerrilla* (Oxford University Press, 2009).

11. Isolar a “mentalidade” insurgente do povo era uma frase usada pelo Primeiro Sargento B. Bowlin, do Destacamento Operacional Alpha 1234, no Distrito de Arghandab.

12. O Programa de Resposta de Emergência do Comandante (CERP, na sigla em inglês) permanece sendo um programa eficaz. Com frequência, a dificuldade relacionada ao emprego do CERP está em satisfazer três requisitos básicos: selecionar e treinar duplas de militares devidamente qualificados (um oficial de planejamento em campanha e um oficial ecônomo), garantir a disponibilidade de dinheiro vivo para todas as equipes e utilizar o banco de dados CIDNE (*Combined Information Data Network Exchange*) para selecionar projetos. Para conduzir efetivamente as operações de estabilização de aldeia descentralizadas, foram necessárias mais de 35 Equipes de CERP, em cada batalhão de Forças Especiais. Isso também exigia a distribuição de dinheiro a cada equipe, antecipadamente, para permitir a utilização dos recursos como um “sistema de armas”.